

Contribuições de Paulo Freire no processo de alfabetização e de pós-alfabetização em São Tomé e Príncipe

José Jackson Reis dos Santos 

Sonia Maria Portella Kruppa 

Rosângela Alves de Oliveira Santos 

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo acerca das contribuições de Paulo Freire no processo de alfabetização e pós-alfabetização em São Tomé e Príncipe, na África, ocorrido entre 1976 e 1980. O objetivo central é descrever e analisar o contexto de ensino da leitura e escrita proposto nesse cenário, no qual Paulo Freire e sua equipe atuaram no processo de assessoria pedagógica e na formação de diversos sujeitos, organizados coletivamente para desenvolvimento das etapas de alfabetização e pós-alfabetização no país africano em questão, além da escrita de *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais*. De natureza qualitativa, do tipo descritivo e documental, para realização da análise, o *corpus* da pesquisa é composto por cadernos destinados ao processo de alfabetização e pós-alfabetização e por *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais*. Os materiais descritos e analisados, elaborados por Freire e equipe, em São Tomé e Príncipe, apresentam uma riqueza expressiva e sistemática da prática de ensino do processo de aprendizagem da leitura e escrita. Para além da técnica, apresentam uma proposta político-pedagógica revolucionária, com a proposição dessa apreensão de conhecimento da leitura e escrita como ato político, social, cultural, produtivo e como instrumento de transformação na vida dos/as educandos/as. O/A animador/a cultural e os/as alfabetizandos/as ocupam papel de protagonistas nesse processo de aprendizagem, transformando e conhecendo, com outro olhar, a realidade em que vivem e sendo transformadas por ela.

Palavras-chave: Paulo Freire, Alfabetização, Pós-Alfabetização, Pessoas Jovens e Adultas.

Paulo Freire's contributions in the literacy and post-literacy process in São Tomé and Príncipe

José Jackson Reis dos Santos

Sonia Maria Portella Kruppa

Rosângela Alves de Oliveira Santos

Abstract

This paper presents a study of Paulo Freire's contributions to the literacy and post-literacy process in São Tomé and Príncipe, África, which took place between 1976 and 1980. The main objective is to describe and analyze the context of reading and writing teaching proposed in this scenario, in which Paulo Freire and his team worked in the process of pedagogical advisory and training of several subjects, collectively organized for the development of literacy and post-literacy stages in the African country in question, besides the writing of *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais*. Of a qualitative nature, of a descriptive and documental type, the corpus of the research is composed of notebooks for the literacy and post-literacy process and *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais*. The materials described and analyzed, elaborated by Freire and his team in São Tomé and Príncipe, present an expressive and systematic richness of the teaching practice of the learning process of reading and writing. Beyond the technique, they present a revolutionary political-pedagogical proposal, with the proposition of this apprehension of knowledge of reading and writing as a political, social, cultural, productive act and as an instrument of transformation in the lives of the students. The cultural animator and the literacy learners play the role of protagonists in this learning process, transforming and getting to know, with another perspective, the reality in which they live and being transformed by it.

Keywords: Paulo Freire, Literacy, Post-Literacy, Young and Adults People.

Las contribuciones de Paulo Freire en el proceso de alfabetización y postalfabetización en Santo Tomé y Príncipe

José Jackson Reis dos Santos

Sonia Maria Portella Kruppa

Rosângela Alves de Oliveira Santos

Resumen

Este artículo presenta un estudio sobre las contribuciones de Paulo Freire en el proceso de alfabetización y postalfabetización en Santo Tomé y Príncipe, en África, entre los años 1976 y 1980. El objetivo principal es describir y analizar el contexto de la enseñanza de la lectura y la escritura propuesto en ese escenario, en el que Paulo Freire y su equipo actuaron en el proceso de asesoría pedagógica y formación de varios sujetos, organizados colectivamente para desarrollar las etapas de alfabetización y postalfabetización en este país africano, como también la redacción de Cartas para Animadores y Animadoras Culturales. Posee naturaleza cualitativa, de tipo descriptivo y documental, para hacer el análisis el corpus de la investigación se compone de cuadernos destinados al proceso de alfabetización, postalfabetización y Cartas a Animadores y Animadoras Culturales. Los materiales descritos y analizados, elaborados por Freire y su equipo, en Santo Tomé y Príncipe, presentan una riqueza expresiva y sistemática de la práctica de la enseñanza del proceso de aprendizaje de la lectura y la escritura. Más allá de la técnica, ellos presentan una propuesta político-pedagógica revolucionaria al proponer la aprehensión del saber leer y escribir como un acto político, social, cultural, productivo y como instrumento de transformación en la vida de los y las estudiantes. El animador o la animadora cultural como las personas que son alfabetizadas juegan el papel de protagonistas en ese proceso de aprendizaje, transformando y conociendo, desde otra perspectiva, la realidad en la que viven y que a la vez los transforma.

Palabras clave: Paulo Freire, Alfabetización, Postalfabetización, Personas Jóvenes y Adultas.

Introdução

Neste texto, descrevemos e refletimos sobre a proposta de alfabetização e de pós-alfabetização desenvolvida por Paulo Freire e sua equipe no contexto de São Tomé e Príncipe, África, tendo como referências o *Primeiro Caderno de Cultura Popular*³⁵ entre os seis elaborados e organizados, coletivamente, para desenvolvimento das etapas de alfabetização e de pós-alfabetização naquele país africano, além das *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais*³⁶. No período em que trabalhou em países da África, como sabemos, Paulo Freire atuava no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), acompanhando, sistematicamente, experiências naqueles contextos.

Em diálogo permanente com a equipe do Instituto de Ação Cultural (Idac), Paulo Freire, com sua equipe, no período em que esteve em exílio, atuou no continente africano. Em São Tomé e Príncipe, desenvolveu experiências político-pedagógicas para alfabetização de pessoas jovens e adultas, alcançando notoriedade em razão dos resultados alcançados no âmbito social. Faúndez (1989) e o próprio Freire e Guimarães (1985) a consideram uma experiência bem-sucedida.

Nesta descrição e análise documental de experiências e trabalhos no campo da alfabetização em São Tomé e Príncipe, no período de 1976-1980³⁷, apresentadas neste texto, pretendemos mostrar o contexto de ensino da leitura e escrita propostas neste cenário, contexto em que Paulo Freire e sua equipe atuaram no processo de assessoria pedagógica e na formação de diversos sujeitos. Nas experiências político-pedagógicas desenvolvidas, foi elaborado um material organizado numa série de seis cadernos identificados como *Cadernos de Cultura Popular*. Para análise sistemática da proposta neste estudo, foi selecionado o primeiro caderno (organizado em duas partes), destinado ao processo de alfabetização, além das *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais*, que apresentam uma descrição e análise da proposta político-pedagógica de Paulo Freire com destaque para o processo de alfabetização de pessoas jovens e adultas³⁸.

O *Primeiro Caderno de Cultura Popular (A luta continua)* tem duas partes, sendo a primeira um livro que traz sequências pedagógicas com vinte palavras geradoras e pequenos textos para o ensino sistemático da aquisição da leitura e escrita. A segunda parte deste livro é

³⁵ Com o título *A Luta Continua*, o primeiro caderno foi publicado pelo Departamento da Educação de Adultas e Alfabetização, do Ministério de Educação Nacional e Desportos de São Tomé e Príncipe. No final deste texto, nas Referências, indicamos a fonte e o site no qual o material se encontra disponibilizado.

³⁶ As *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais* são um documento sistematizado pela Comissão Nacional Coordenadora dos Círculos de Cultura Popular publicado, em 1978, pelo Ministério de Educação Nacional e Desportos de São Tomé e Príncipe.

³⁷ O período histórico demarcado (1976-1980) foi indicado considerando os registros apresentados nos materiais analisados e produzidos por Freire e Comissão em São Tomé e Príncipe, validados também considerando o momento histórico em que Freire foi assessor pedagógico do governo de São Tomé e Príncipe.

³⁸ O termo “pessoas jovens e adultas” foi utilizado, neste artigo, em função de ter sido este o público atendido em São Tomé e Príncipe por esta proposta político-pedagógica evidenciada por Freire em diálogo com Faúndez (1989).

um caderno-suporte com exercícios chamados de “Praticar para Aprender” para o processo pós-alfabetização.

O *Segundo Caderno* dessa série trata de um livro com textos “[...] escritos numa linguagem simples, jamais simplistas” (FREIRE, 1989, p. 23) para o ensino do processo de aprendizagem da pós-alfabetização. O *Terceiro Caderno* versa sobre o ensino de Aritmética; o *Quarto* sobre saúde; o *Quinto* se constitui por uma série de textos com os quais se aprofundam as análises discutidas no Segundo já referido. O *Quinto* e o *Sexto Cadernos* são de autoria do professor chileno Antonio Faundez (FREIRE, 1989).

Além dos cadernos elaborados por Freire e equipe, foi também produzido um livro com a descrição e discussão do trabalho político-pedagógico, organizado em formato de cartas destinadas aos animadores e animadoras de cultura. Esse caderno foi denominado *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais* de São Tomé e Príncipe (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b). É, portanto, sobre esse material que lançamos nosso olhar na sequência deste texto.

A proposta político-pedagógica de Paulo Freire em São Tomé e Príncipe: o ato de ler e escrever como uma ação cultural

O caderno *Cartas aos Animadores e às Animadoras Culturais de São Tomé e Príncipe* trata-se de uma coletânea de cartas escritas por Freire e sua equipe, em 1978, com orientações pedagógicas destinadas aos educadores e educadoras, denominados, neste documento, de animadores/as de cultura. As sugestões pedagógicas deste caderno foram organizadas em quatro Cartas.

Essas orientações político-pedagógicas foram escritas em formato de Cartas por sugestão de Freire, conforme reafirmou, em diálogo com Faundez (1989, p. 53), quando disse: “Elas se chamam Cartas porque eu sugeri. Eu sugeri que fossem Cartas para deixar o animador, desde o começo, mais ou menos convencido de que as cartas não são prescrições, mas são antes elementos desafiadores também deles”.

Freire (1989), apesar de pensar que estas Cartas pudessem ser compreendidas como guias ou manuais de orientação pedagógica, defendeu este formato textual por uma opção política do que este material representaria, principalmente na atuação do animador/a cultural como ator também deste processo formativo.

Neste tópico, temos como centralidade as questões apresentadas nas duas primeiras Cartas, cujas discussões versam sobre os aspectos relacionados às práticas político-pedagógicas do processo de alfabetização e algumas orientações sobre o processo de pós-alfabetização, principalmente ligadas ao primeiro Caderno e sua segunda parte, que apresenta exercícios de sistematização para o processo de leitura e escrita.

Na primeira carta desse Caderno/livro, Paulo Freire e equipe indicam considerações e procedimentos pedagógicos para o trabalho de alfabetização com pessoas jovens e adultas de

São Tomé e Príncipe. Algumas das premissas deste documento tratam, especialmente, de três aspectos: do papel do animador de cultura (educador) no processo de alfabetização de adultos; da aquisição da leitura e escrita como ato político; e da ação cultural. A Carta discute, preliminarmente, a relação do material produzido com o propósito de se estabelecer uma prática pedagógica de alfabetização pautada nos princípios políticos que orientam o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), do qual Freire e toda sua equipe faziam parte. Por isso, eles defendem que o animador/a de cultura deste processo de ensino possibilite aos educandos, além do acesso à alfabetização, um posicionamento crítico e consciente pela luta por melhores condições de vida, superando a condição de oprimido, imposta no período colonial vivido por São Tomé e Príncipe, contexto no qual as pessoas das camadas populares eram privadas do acesso à aprendizagem da leitura e escrita. Com esse propósito, este documento salienta:

É evidente, mas afirmemos, que as finalidades, os objetivos, o conteúdo e o método de conhecer que caracterizam a alfabetização de adultos entre nós, como um acto de conhecimento e um acto político, não podem ser os mesmos da alfabetização que se faz numa sociedade em que as classes trabalhadoras se acham submetidas ao silêncio imposto pelas classes dominantes. No nosso caso, pelo contrário, a alfabetização, de acordo com os princípios políticos que orientam o nosso Movimento é o empenho em que alfabetizados e animadores culturais, juntos, 'lêem e escrevem a sua própria realidade, pensando criticamente o seu mundo, inserindo-se cada vez mais com maior consciência na realidade em transformação' (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 7).

Esse discurso reafirma a importância do papel político e transformador que o processo de aprendizagem da leitura e escrita tem, nesta proposta, como princípio formativo sempre defendido e praticado por Paulo Freire.

Durante toda trajetória profissional e de obras produzidas por Paulo Freire, a defesa da educação como ato político sempre foi uma constante e, neste material pedagógico, fica evidenciada esta premissa como condição marcante para o desenvolvimento do trabalho do animador/a de cultura durante todo o processo de alfabetização e pós-alfabetização, no qual defende que "[...] a própria decisão de fazer alfabetização é um ato político. [...] Na verdade, não há educação e por isso alfabetização de adultos, neutra. Toda educação tem, em si, uma intenção política" (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 4), reafirmando a relevância desta tarefa neste referido país, que, no período colonial, privou as pessoas de terem acesso à aprendizagem da leitura e escrita" (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 4).

A premissa da educação como ato político é observada em todas as Cartas produzidas neste documento, tanto nas orientações pedagógicas destinadas ao educador (animador/a de cultura), quanto naquelas direcionadas aos alfabetizados, pressupondo uma luta política que

visa ao pleno exercício da cidadania, de modo que o alfabetizando possa aprender a intervir na própria realidade e, assim, transformar sua condição de vida.

Outro aspecto, dessa produção pedagógica em análise, é a visão da alfabetização de pessoas jovens e adultas como ato de conhecimento. Freire e equipe argumentam que o processo de ensino-aprendizagem da alfabetização precisa ir além do domínio técnico da leitura e escrita, fazendo referência à relação entre educador/a e educando/a, neste percurso formativo, ao enfatizarem:

Ao ensinar algo aos alfabetizados, o animador ou animadora cultural aprende deles algo também. Na educação revolucionária, que irá substituindo, a pouco e pouco, a educação colonial, em todos os seus níveis, não é possível separar o acto de ensinar do de aprender; o ato de educar do de ser educado. Por isso é que nós temos referido sempre ao animador cultural, como um educador-educando, em diálogo com o alfabetizando, como um educando-educador (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 7).

Diante desta referência, destacamos que, em todos os segmentos de educação, o diálogo é um elemento fundante na relação educador/a e educando/a, pois é no diálogo que se estabelece a mediação entre os sujeitos. Neste contexto, Freire (1987) argumentava que não seria no silêncio que mulheres e homens iriam se relacionar e compartilhar conhecimento, mas na palavra, através do diálogo, quando se estabelecia a ação-reflexão, no qual “[...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual roube a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 51).

Nesse sentido, destaca, na primeira Carta que, numa sociedade em que o “silêncio já não é possível”, o papel do animador ou animadora cultural em suas relações com os alfabetizados/as, no Círculo de Cultura, não é o de quem transfere conhecimento, mas de quem, através do diálogo, procura conhecer os alfabetizados/as (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 6).

No tocante ao compartilhamento de conhecimento entre educador/a e educando/a, Freire (1987, p. 39) salienta: “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Nessa relação dialógica, ambos constroem esse processo político-pedagógico e passam a ser sujeitos nesta relação. Esse saber consciente em que educador/a e educando/a aprendem e ensinam, no processo de compartilhamento de conhecimento, estabelece uma relação horizontal entre estes dois sujeitos, que não descaracterizam o papel de cada um no contexto pedagógico, mas reforçam o pressuposto do compartilhamento de saberes em que todos constroem, de forma dialogal, conhecimentos, situando-se como seres históricos e ampliando, desse modo, sua compreensão sobre a realidade social na qual vivem.

Uma outra preocupação de Freire e equipe nestes documentos foi tratar a alfabetização não como uma etapa de aprendizagem mecânica, indo, portanto, além do aprendizado da língua, reafirmando: “[...] mas, o que é preciso é não ficarmos no simples b, a bá. É fazermos, com os camaradas alfabetizando, a pouco e pouco, a ‘leitura’, que será uma ‘releitura’ da nossa realidade” (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 8).

Nesse sentido, a educadora (ou o educador) necessita conhecer e participar da realidade local para promover debates e projetos com proposições concretas, transformadas em ações de interesse coletivo naqueles contextos culturais vividos, a exemplo da construção de hortas coletivas, projetos de combate a mosquitos, buscando colaboradores. Com base nesses contextos, conceituam a alfabetização de pessoas jovens e adultas como uma ação cultural.

A alfabetização de adultos desta maneira, isto é, como ação cultural, a serviço da reconstrução do nosso país e não como um puro ensinar a ler e escrever, pode haver casos, em certas áreas, em que o nosso trabalho com a população se centre inicialmente, na ‘leitura’, na ‘re-leitura’ e na ‘escrita’ da realidade e não do aprendizado da língua (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 9).

Diante do exposto, Freire e a equipe apresentam princípios político-pedagógicos que direcionam (sem pretensão de oferecer um caderno de receitas, mas sim um envolvimento do educador com o educando) para além do processo de alfabetização e pós-alfabetização, ou seja, de apenas a apropriação de um conhecimento técnico da leitura e escrita, mas sim de interação ativa de apropriação desse conhecimento como prática social e de transformação cultural, reafirmando a intervenção do educando na sua realidade e no mundo.

Só assim, na medida em que a alfabetização de adultos como ação cultural, seja realizada e entendida como ato político e uma acto de conhecimento, em relação à saúde e não como um simples exercício mecânico de memorização de sílabas (“bocados”) e de palavras, e que ela se insere no quadro de reconstrução nacional (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 10).

A compreensão de Freire e equipe frente ao processo de alfabetização é um avanço conceitual muito significativo que se mantém atual, pois desmistificam a apropriação da leitura e escrita apenas como aprendizagem da língua, ampliando este conceito como sendo a alfabetização uma ação cultural, cuja intervenção do educando na realidade e no mundo que o cerca torna-se central e indispensável.

Nessa perspectiva, Freire (1989; 1967) postula a alfabetização de pessoas jovens e adultas enquanto ato político, ato de conhecimento, empenhada com o processo de apropriação da escrita e da feitura da palavra, simultaneamente com a “leitura” e a “reescrita” da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprimorada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização.

Diante destes princípios, reiteramos que a alfabetização e a pós-alfabetização, defendidas nestes materiais em análise não são tratadas como processos distintos, mas como etapas simultâneas de aprendizagem e com as mesmas premissas político-pedagógicas, ou seja, a aprendizagem da leitura e escrita, tanto no início do processo formativo quanto durante o aprimoramento deste conhecimento, é considerada como ato político, ato de conhecimento e de ação cultural (FREIRE, 1989; 1967).

A experiência de alfabetização e de pós-alfabetização em São Tomé e Príncipe: caminhos metodológicos na perspectiva de Freire e equipe

Ainda na análise documental da primeira e segunda cartas destinadas aos animadores e às animadoras de cultura, Paulo Freire e equipe fazem uma descrição metodológica do processo de alfabetização de pessoas jovens e adultas com uma apresentação sistemática da organização metodológica deste percurso de ensino, caracterizado e conceituado como ação cultural. Atrelada à descrição da metodologia de ensino descrita nas Cartas, também socializamos uma análise do Primeiro Caderno e da sua segunda parte para que possamos compreender de que forma foi pensada esta experiência em São Tomé e Príncipe.

Na primeira Carta, Freire e equipe explicitam que, para este trabalho pedagógico de transformar a realidade do povo, a quem se destina o processo de alfabetização, é necessário existir uma coerência com a proposta de alfabetização presente nesse material em todos os níveis das ações que postulam esse caminho, razão pela qual apresentam uma configuração diferente dos espaços e dos sujeitos envolvidos neste percurso formativo com proposição de novos termos:

A nossa revolução em marcha exige hoje de nós uma coerência com ela em todos os níveis da nossa acção. Por isso é que já não falamos em 'Escolas Noturnas para Adultos', mas em Círculos de Cultura; já não falamos em analfabetos, mas em alfabetizandos; já não falamos em alfabetizadores, mas em Animadores Culturais; já não falamos em aula, mas em debate, em que a realidade mesma do Povo, referida nas 'palavras geradoras' e representada na 'codificação', que se analisa e discute com ele (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 6).

A partir desta configuração político-pedagógica, além das Cartas destinadas aos/às animadores/as culturais, foram criados alguns cadernos que pretendiam oferecer um apoio didático-pedagógico aos alfabetizandos que, diante do cenário social e econômico do período histórico referido em São Tomé e Príncipe, fez-se necessário, pois a equipe organizadora dispunha de poucos recursos financeiros.

Nas Cartas, para melhor compreensão do trabalho desenvolvido nos Círculos de Cultura destinados ao processo de alfabetização, estabelecem-se os seguintes pontos de atuação dos animadores e animadoras de cultura: a palavra geradora, a codificação e a

descodificação. Esses momentos metodológicos serão explicitados a seguir junto com a análise do Primeiro Caderno de Cultura Popular.

O Primeiro Caderno trata-se de um livro básico, material destinado aos alfabetizandos em processo de aquisição da leitura e escrita e se constitui de duas partes. A primeira parte contém vinte palavras geradoras, com codificações correspondentes (desenhos e fotografias dos contextos sociais de São Tomé e Príncipe) e cinco textos. Na segunda parte do livro, encontramos dez fotografias (as codificações), que envolvem alguns dos fundamentos do país, e mais três textos do então Presidente Manoel Pinto da Costa, que tinha como objetivo contribuir com os/as alfabetizandos/as na transição para a pós-alfabetização (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b).

Para que a produção deste Caderno não fosse compreendida como cartilha, que fora objeto de crítica de Paulo Freire, o referido autor e sua equipe, na primeira Carta, enfatizam:

No nosso caso, para facilitar o nosso trabalho e não tornar mais dispendioso o nosso programa, escolhemos cuidadosamente 20 palavras geradoras que podem ser, com uma outra mudança do animador deve estar preparado para fazer, adequados a todo o país [...] Em lugar das lições postas nas cartilhas, que os alunos deviam decorar e repetir, os temas geradores aos quais estão referidas as palavras geradoras são representadas nas codificações (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 12-14).

Todo este material político-pedagógico construído por Freire e equipe de alfabetização e pós-alfabetização era tratado como um apoio para os/as educandos/as diante do contexto sociocultural no qual viviam, de modo que tivessem um referencial para o processo de sistematização de aprendizagem da leitura e escrita, conforme salientou Freire (1989, p. 23): “Os *Cadernos de Cultura Popular* que vêm sendo usados pelos educandos como livros básicos, quer na alfabetização quer na pós-alfabetização, não são cartilhas nem manuais com exercícios ou discursos manipuladores”.

O primeiro Caderno de Atividades destinado ao processo de alfabetização é um livro pensado e organizado para responder à necessidade fundamental dos/as alfabetizandos/as, qual seja: dispor de um material de apoio (de referência) para o processo da aprendizagem da leitura e escrita. Segundo Freire e equipe organizadora, este material também tinha o propósito de oferecer maior segurança político-pedagógica na busca deste conhecimento por parte dos alfabetizandos e ser um livro-suporte para o animador de cultura (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 18).

Para que a proposta e atividades dos Cadernos da alfabetização e pós-alfabetização não fossem trabalhados de forma mecânica, nas Cartas, Paulo Freire e a Comissão Coordenadora chamam atenção para que toda proposta político-pedagógica seja desenvolvida pautada nos princípios políticos do MLSTP, do qual faziam parte, preconizando uma prática educativa

revolucionária em que educador/a e educando/a desempenhassem um papel militante na construção ativa do conhecimento.

O Primeiro Caderno tem a seguinte estrutura organizacional: capa, contracapa, atividades de escrita e leitura com palavras geradoras, seguido de cinco textos apresentados entre as palavras geradoras e ao final da primeira parte do livro. A segunda parte, que ainda compõe este caderno, possui dez fotografias da realidade local e três textos do então presidente Manoel Pinto da Costa.

A capa deste primeiro caderno tem uma foto de um comício do então presidente da época, Manoel Pinto da Costa, no meio do povo e a Bandeira Nacional. Na contracapa, há a fotografia de um baile popular, que era uma expressão da cultura local. Posteriormente, há o Hino Nacional do país. Todos estes elementos, anteriores às atividades da alfabetização propriamente ditas, têm uma intenção política e pedagógica.

A riqueza temática da capa e contracapa é tal que seria uma lástima não a aproveitar como objeto de discussão no primeiro dia mesmo da abertura de um Círculo de Cultura. Assim a capa e contracapa do Caderno devem ser as primeiras codificações a ser propostas à análise dos alfabetizandos (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 20).

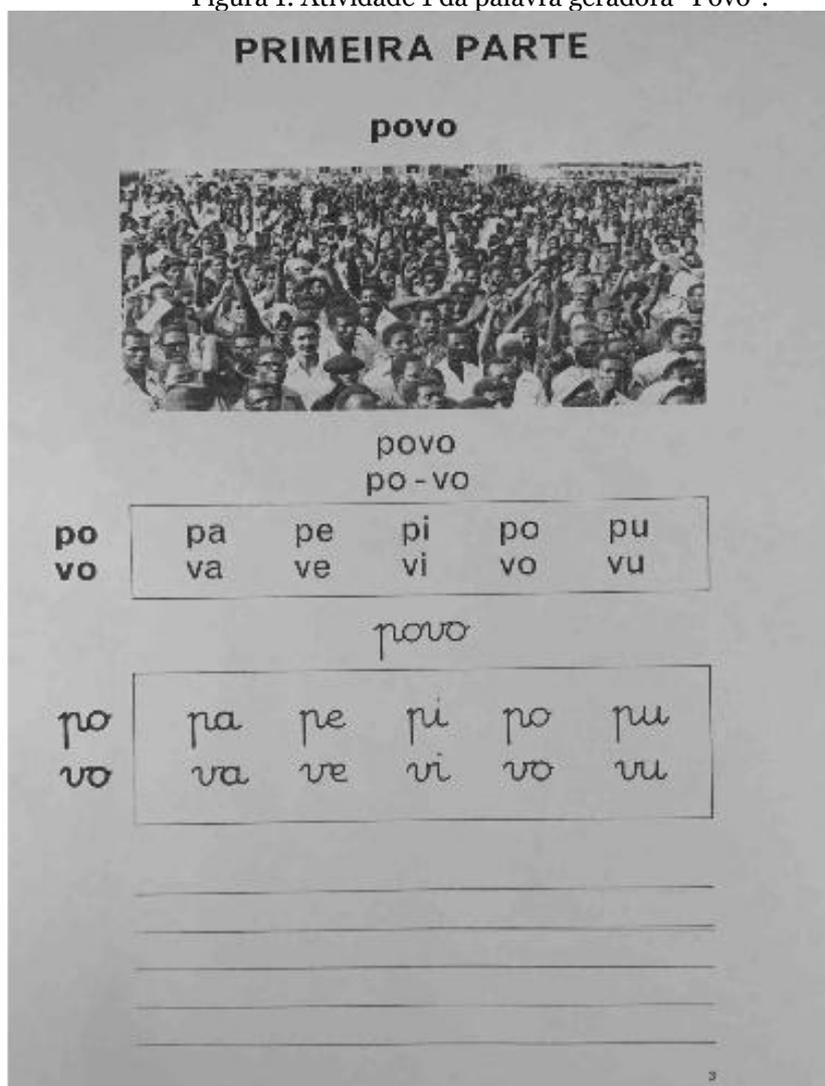
Sobre essas etapas (codificação e descodificação), Freire (1987) sinaliza que, na análise de uma situação existencial concreta, codificada, se verifica exatamente este movimento do pensar. A descodificação da situação existencial provoca uma atitude “[...] que implica numa ida das partes ao todo e numa volta deste às partes, que implica num reconhecimento do sujeito no objeto (a situação existencial concreta) e do objeto como situação em que está o sujeito” (FREIRE, 1987, p. 61).

As primeiras atividades do Caderno possuem vinte palavras geradoras (povo, bonito, matabala³⁹, saúde, rádio, unidade, disciplina, trabalho, fábrica, tijolo, gamela, escola, mosquito, tosse, vinho, roça, enxada, riqueza, arroz, chuva), além das codificações correspondentes a estas palavras e cinco textos. Observamos que, até a nona palavra geradora, não aparece frase. Entre a nona e a décima palavra geradora, há um pequeno texto para ser lido e interpretado pelos/as alfabetizandos/as. Entre a décima oitava e a décima nona palavra, aparece outro texto socializando uma discussão dos países africanos Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde. O penúltimo texto trabalha com a palavra geradora “chuva” explorando a cultura do arroz. O último texto, localizado no final da primeira parte do Caderno, se refere a um discurso do Presidente Manoel Pinto da Costa sobre a temática “luta da reforma agrária”.

³⁹ Matabala é uma espécie de batata muito presente na alimentação do povo são-tomense.

A proposta da primeira parte do primeiro caderno é voltada ao processo de alfabetização. Todas as etapas metodológicas deste material são descritas nas duas primeiras cartas. Após o primeiro debate do animador/a de cultura e seus/suas alfabetizandos/as, apresentada nos elementos “capa” e “contracapa”, há a indicação de uma sistemática explicitando o trabalho político-pedagógico voltado às palavras geradoras e suas codificações.

Figura 1: Atividade 1 da palavra geradora “Povo”.



Fonte: <http://www.memorial.paulofreire.org/>.

As vinte palavras geradoras trabalhadas no primeiro caderno foram selecionadas a partir de temáticas ligadas aos aspectos da realidade de São Tomé e Príncipe com as respectivas codificações (fotografias) do referido cenário social e político. Além desse aspecto, outro critério foi pensado, que se refere à decomposição das sílabas das palavras e da combinação delas para criação de outras palavras, conforme é ilustrado, na figura 1, e descrito a seguir:

I - O da sua riqueza temática, isto é, a variedade de temas que a elas estão referidos. Temas que, ligados à realidade local dos alfabetizandos, tornam

possível a análise dos aspectos da realidade nacional [...]. II – O da riqueza fonética, bem como o da possibilidade de ir vencendo dificuldades como, por exemplo, o som do lha, nha [...] (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 12).

A decisão de sistematizar uma proposta político-pedagógica de alfabetização com palavras geradoras foi um princípio defendido por Freire (1987). O educador salientava que a investigação de temas precisaria representar a realidade dos/as educandos/as, tendo sempre como ponto de partida os debates, promovidos entre animadores/as culturais e alfabetizandos/as, de modo a organizar conteúdos pragmáticos que, de fato, promovessem ações também pragmáticas capazes de problematizar e viabilizar uma síntese cultural do contexto de ensino-aprendizagem dos/as educandos/as.

Com esta proposta político-pedagógica, a sequência do trabalho de alfabetização foi organizada em três etapas: inicia com a codificação (fotografias) da palavra geradora. A codificação é a representação imagética de um aspecto da realidade. Depois, segue com a etapa da descodificação, que é o ato de analisar a codificação, momento em que se estabelece um diálogo que propõe “releitura” da realidade da palavra geradora em estudo, na qual animadores/as culturais e alfabetizandos/as possam superar formas ingênuas de compreender o mundo. Articulado a esse movimento de descodificação, é feito um estudo sistemático das famílias silábicas da palavra geradora (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b).

Quando é apresentada a codificação aos/às alfabetizandos/às, o/a animador/a de cultura propõe um debate com os/as educandos/as sobre o tema representado na fotografia. “A codificação deve ser tomada como um desafio ao grupo animador, como um ‘objecto’ que deve ser analisado pelo grupo, com a ajuda e a participação do animador e não como uma ‘ajuda’ para o animador ‘dar a sua aula” (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 13).

A descodificação é um ato de analisar a codificação. É o momento em que o/a animador/a de cultura suscita nos/as educandos/as a retomada da “leitura” e “re-leitura” da realidade apresentada na codificação, no qual o/a animador/a de cultura problematiza com os/as alfabetizandos/as a realidade ilustrada, de modo que superem/ultrapassem as formas ingênuas da leitura daquele contexto (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b).

Neste contexto dialógico em que se configuram as etapas da codificação e descodificação, ao emergir um debate sobre as palavras geradoras, é indispensável que se estabeleça um desafio com os/as alfabetizandos/as e animadores/as culturais, para que a palavra seja lida, estudada, problematizada e compreendida na sua realidade. Estas etapas são processos importantes para compreensão da realidade (FREIRE, 1989).

Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa referida acima; estimular a capacidade crítica dos alfabetizandos enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A

relação do sujeito que procura conhecer com o objeto a ser conhecido. Relação que inexistente toda vez que, na prática, o alfabetizando é tomado como paciente do processo, puro recipiente da palavra do alfabetizador. Neste caso, então, não diz a sua palavra (FREIRE, 1989, p. 26, grifos do autor).

Na etapa da alfabetização, as fases da codificação e descodificação, bem como em seus outros processos metodológicos, a expressão verbal (oralidade), mediada pelo/a animador/a cultural e alfabetizados/as, por meio do diálogo (debate), precisa considerar o contexto da realidade em questão, analisando todos os aspectos envolvidos e suscitando reflexões que possam estimular os/as educandos/as a se posicionarem criticamente sobre o objeto a ser conhecido e, neste viés, pretende-se com esta problematização transformar a consciência ingênua em consciência crítica, visando a uma prática transformadora em que a participação ativa dos/as educandos/as ocupe lugar de destaque nesta relação de compartilhamento de saberes.

Terminadas as fases da codificação e descodificação, começa o estudo das famílias silábicas da palavra geradora, aqui ilustrado conforme descrito na primeira carta usando como exemplo a palavra “Povo”. Para este processo, Freire e sua equipe estabeleceram os seguintes procedimentos:

[...] o animador estabelece a relação entre a palavra geradora e a nomeia, lendo-a em voz alta com os alfabetizados. Vai ao quadro e escreve a palavra geradora tal qual se acha escrita no Caderno. Lê novamente, de maneira pausada, a palavra geradora e pergunta quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la. [...] Depois de ouvir os alfabetizados, o animador, então escreve, ao mesmo tempo em que pronuncia a palavra. Em seguida, chamando a atenção para o primeiro “bocado” po e o segundo vo, o animador diz bocados, como nós, tem também suas famílias. [...] O animador apresenta as “famílias juntas pa, pe, pi, po, pu / va, ve, vi, vo, vu. [...] Faz leituras na horizontal: pa, pe, pi, po, pu / va, ve, vi, vo, vu e leituras na vertical. Depois de vários exercícios de reconhecimento, o animador, apontando o conjunto das “famílias”, a de po e a de vo, pergunta aos alfabetizados: Será que podemos criar alguma palavra com esses bocados, juntando um ao outro? (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 26-27).

Este momento de análise da palavra geradora e, depois da formação de novas palavras a partir das famílias silábicas estudadas, é um procedimento técnico de aprendizagem da leitura e escrita. Posterior a este momento, é feita a produção de frases com mediação do/a animador/a de cultura relacionada às palavras formadas e escritas no quadro com letras de imprensa e cursiva. Também é sugerido o tempo de uma semana para o trabalho de sistematização de cada palavra geradora para que, na quarta semana, sejam realizados exercícios de fixação dedicados às palavras das três semanas anteriores. Entre o trabalho a partir da nona palavra geradora, apresentam-se textos para leitura e interpretação dos/as alfabetizados/as. Há cinco textos na primeira parte deste Caderno.

Nesse Caderno, o propósito é trabalhar o processo de alfabetização com textos, além da formação de palavras e frases, de modo a transpor a aprendizagem da leitura e escrita enquanto aquisição mecânica de conhecimento, ou seja, promover a ação dos/as educandos/as por meio de uma relação dialógica com práticas autorais de escrita e de conscientização frente ao contexto sociocultural em que viviam. Todos os textos desse caderno tratam de temáticas da realidade sociocultural, política e econômica do contexto vivido pelos/as educandos/as, desse modo, a alfabetização é compreendida como ação cultural.

Figura 2: Exemplo de texto com a palavra “chuva”.

chuva



A cultura do arroz necessita de luz, calor e água em abundância, além de nosso trabalho dedicado. Em São Tomé e Príncipe temos terra e um Povo trabalhador. Temos luz e calor do sol e temos a água da **chuva** que nunca falta.

Chuva

chuva
chu - va

chu	cha	che	chi	cho	chu
va	va	ve	vi	vo	vu

chuva

chu	cha	che	chi	cho	chu
va	va	ve	vi	vo	vu

55

Fonte: <http://www.memorial.paulofreire.org/>.

As linhas pautadas nas folhas do Caderno são direcionadas às atividades de escrita de formação de palavras e frases na etapa das primeiras nove palavras e, a partir destas, os espaços pautados são direcionados também para atividades de interpretação dos textos.

Existiam páginas sem texto, deixadas propositalmente, tendo em vista a necessidade de inserção de situações que, de acordo com a realidade local, não foram previstas no contexto das palavras geradoras trabalhadas. Nesse caso, o/a animador/a preenche os espaços e incorpora ao referido material estes outros temas que emergem do contexto da realidade local, ou seja, o caderno amplia a possibilidade de atender às demandas discursivas locais, dando espaço criativo e de autoria ao/à animador/a cultural.

Terminada a primeira parte do Caderno, a segunda parte é destinada ao processo de transição da alfabetização para pós-alfabetização com dez fotografias e três textos do então Presidente Manoel Pinto da Costa. Nessa etapa, são indicadas as descodificações das fotografias, assim como a leitura e a interpretação dos textos com a orientação do estabelecimento de muito diálogo entre alfabetizados/as e animadores/as de cultura com o mesmo propósito de ação cultural com a produção de textos.

[...] continuidade aprofundada do mesmo acto de conhecimento iniciado na primeira parte do caderno no que diz respeito à “leitura” da realidade, à sua compreensão crítica, ora através das descodificações, referidas sempre ao concreto, ora através da leitura de textos; que os alfabetizados escrevam sua opinião em torno dos temas referidos. [...] Se escritos, estes textos serão recolhidos para, com alguns deles, organizemos pequenos livros de leitura a ser utilizados nos Círculos de Cultura. Desta forma, devolveremos ao Povo, para a sua análise, o que o Povo produz como resultado do seu esforço (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 30).

Freire (1989), analisando a própria experiência em São Tomé e Príncipe, argumenta que a produção destes Cadernos, voltados ao processo de alfabetização e pós-alfabetização, além de possibilitar uma relação mais ativa do/a alfabetizado/a com o processo de aprendizagem da leitura e escrita, promove um movimento de ação cultural como prática de liberdade.

Em todo o *Caderno*, do começo ao fim, se problematizam constantemente os alfabetizados para que escrevam e leiam praticando a escrita e a leitura. Se, em lugar nenhum é possível escrever sem praticar a escrita, numa cultura de memória preponderantemente oral como a são-tomense, um programa de alfabetização precisa, de um lado, respeitando a cultura como está sendo no momento, estimular a oralidade dos alfabetizados nos debates, no relato de estórias, nas análises dos fatos; de outro, desafiá-los a que comecem também a escrever. Ler e escrever como momentos inseparáveis de um mesmo processo - o da compreensão e o do domínio da língua e da linguagem (FREIRE, 1989, p. 27).

Em todas as cartas produzidas, referidas neste estudo, aparece como fundamento político-pedagógico a necessidade e importância do/a animador/a cultural suscitar e mobilizar a expressão oral dos/as educandos/as em todas as etapas do processo de alfabetização e pós-alfabetização. A participação, por meio da exposição oral, durante este percurso formativo, precisaria ser bem cuidada, pela sua relevância no aprendizado da leitura e escrita, como

fundamental no desenvolvimento da linguagem e como processo de respeito à preponderância da oralidade como grande manifestação cultural. Por isso, a comunicação pelo exercício da oralidade, encontra-se presente em todos os momentos das etapas de alfabetização e pós-alfabetização, sendo considerada como indispensável ponto de partida presente nos momentos metodológicos da codificação, descodificação e análise da codificação com o estudo das palavras geradoras.

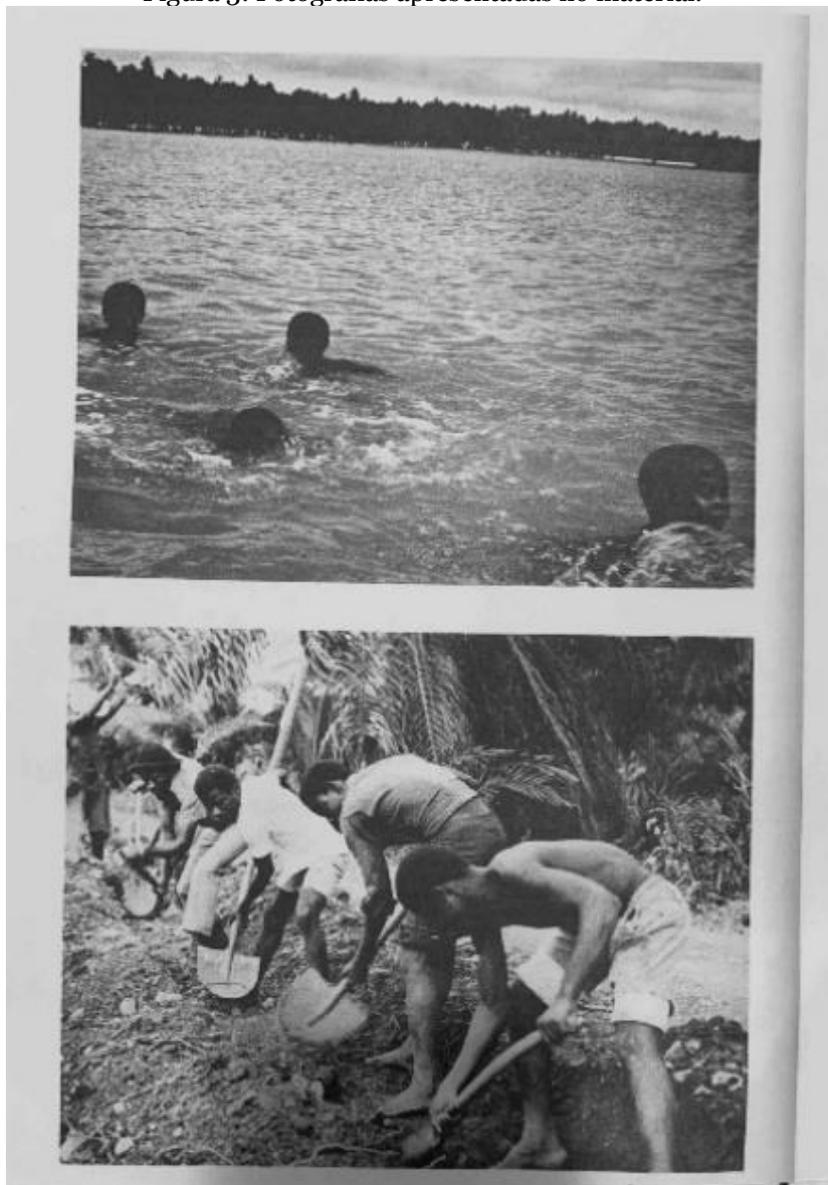
Além da prática da leitura, o exercício da escrita e da expressão oral são fundamentos nas propostas dos cadernos. Destacamos, aqui, as proposições de produção escrita, nos cadernos, indicadas como redação. Os/As alfabetizando/as eram estimulados a produzir textos/redações, baseando-se nas leituras realizadas que tratavam de situações da realidade local. Esses textos, que seriam produzidos pelos/as alfabetizando/as desde o primeiro caderno, precisariam ser recolhidos pelos/as animadores/as culturais e organizados em pequenos livros de leitura para serem discutidos nos Círculos de Cultura. O texto do/a alfabetizando/a seria lido e discutido, como forma de valorizar e apresentar ao povo, a sua própria produção, fruto da construção feita com muito esforço. Essa proposição já mostra a compreensão da alfabetização, além do que se praticava naquela época, ou seja, os/as alfabetizando/as já eram estimulados a perceber a leitura e escrita como prática social e tinham suas produções valorizadas e divulgadas.

Além do primeiro Caderno (organizado em duas partes, conforme descrito), foi produzido por Freire e equipe um outro material com exercícios complementares de suporte à expressão da leitura e da escrita chamado *Praticar Para Aprender*. Este material teve como propósito promover o desenvolvimento da leitura e escrita com atividades de aprofundamento composto de exercícios de prática leitora e de escrita, articulados ao processo de formação política. As atividades propostas se constituíam com exercícios de leitura, escrita e redação. Esse material precisaria ser trabalhado concomitante ao primeiro caderno, depois do estudo da décima quarta palavra geradora. “É importante que os alfabetizando cheguem ao fim dos dois Cadernos, do PRIMEIRO e do de EXERCÍCIOS, ao mesmo tempo, ou mais ou menos ao mesmo tempo. Mas que cheguem ao fim com um real domínio dos dois” (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 41).

Na terceira carta, com orientações político-pedagógicas destinadas aos Animadores e Animadoras Culturais, Freire e equipe descrevem toda a proposta política e metodológica de alfabetização e pós-alfabetização do *Caderno de Exercícios*. Esse *Caderno de Exercícios* foi organizado para sistematizar e aprimorar a apreensão da aprendizagem da leitura e escrita, em paralelo ao primeiro caderno. Esse material visava impulsionar a aprendizagem dos/as alfabetizando/as com a prática da leitura de textos e da expressão escrita espontânea. Foi estruturado, inicialmente, com duas fotografias (de crianças nadando numa das enseadas, em São Tomé, e a de um grupo de jovens trabalhando no campo – Figura 3). Após socialização das

duas fotos, são apresentados textos, inicialmente simples, depois com mais desdobramentos discursivos; todos tratando de situações locais, trechos de discursos políticos com o objetivo da prática crítica de leitura e com atividades de aprimoramento da expressão escrita (cópia, ditado e produção textual/redação).

Figura 3: Fotografias apresentadas no material.



Fonte: <http://www.memorial.paulofreire.org/>.

A estimulação e valorização da oralidade dos/as alfabetizandos/as para discussão e significação dos conteúdos textuais organizados nesse *Caderno de Exercícios* são uma constante, assim como são preconizadas em toda proposta político-pedagógica defendida e orientada nas cartas. Além da expressão oral, conduzida por situações problematizadoras numa relação dialógica entre alfabetizandos/as e animadores/as culturais, as atividades são seguidas de leituras de textos (com situações mediadas pelos/as educadores/as de leituras oral e silenciosa) e de prática escrita. As atividades deste material precisariam ser realizadas em conjunto com aquelas presentes no primeiro Caderno, depois do trabalho com a décima quarta

palavra geradora, pois o propósito era que fosse promovida a prática da leitura e da escrita. “Em todo o *Caderno*, do começo ao fim, se problematizam constantemente os alfabetizandos para que escrevam e leiam praticando a escrita e a leitura” (FREIRE, 1989, p. 27).

Todos os processos de alfabetização e pós-alfabetização eram tratados como etapas simultâneas à aprendizagem da leitura e escrita, tendo como focos da pós-alfabetização a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos com a prática da leitura e escrita.

Na etapa da alfabetização, os alfabetizandos vão aprendendo os pontos básicos da leitura e escrita das palavras e de frases simultaneamente com a “leitura” da realidade, no processo de descodificação. Em seguida, na transição à pós-alfabetização, consolidam os conhecimentos e se capacitam para o aprofundamento, que vem na pós-alfabetização (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 50-51).

A proposta político-pedagógica de alfabetização e pós-alfabetização, processos simultâneos de aprendizagem, defendidos por Freire e equipe na construção desses materiais apresentados neste estudo, evidenciaram premissas sempre difundidas por Freire ao longo de toda sua trajetória acadêmica e de vida, nas quais sempre defendeu a alfabetização de pessoas jovens e adultas como ato de conhecimento, como ato político e de ação cultural, visando à conscientização dos/as educandos/as e seu protagonismo para transformação da realidade desigual em que viviam, de modo a buscar, nesta apreensão de conhecimento, através de uma prática educativa revolucionária, melhores condições de vida no mundo social, cultural e político. O *Primeiro Caderno de Cultura Popular* e o *Caderno de Exercícios* têm como proposição a aprendizagem da leitura na prática da leitura; a aprendizagem da escrita na prática da escrita, permeadas pela prática de discussões de assuntos do interesse do povo (FREIRE, 1989).

Todas as proposições elaboradas por Freire e equipe em São Tomé e Príncipe seguem a mesma direção político-pedagógica, visando à superação de práticas mecânicas de ensino-aprendizagem e da passividade dos/as educandos/as neste percurso formativo. A alfabetização e pós-alfabetização têm um viés revolucionário, principalmente para a época em que foi produzido, trazendo proposições de mudanças estruturais na educação do povo são-tomense dentro dos contextos socioculturais que viveram no período ainda colonial, visando à preparação de homens e mulheres conscientes, profundamente críticos e capazes de enfrentar os desafios a que estariam submetidos naquele novo cenário político e social (pós-colonial). Nesse cenário educacional, os/as animadores/as culturais seriam mediadores/as destas novas mudanças, com a prática educativa coadunando totalmente com as premissas das propostas, pois era indispensável a coerência entre a ação pedagógica e a opção política transformadora, libertadora, totalmente opostas a uma educação desenvolvida no período colonial.

Outro aspecto presente nas orientações político-pedagógicas em relação ao papel do/a animador/a cultural dos Círculos de Cultura, descrito na *Primeira Carta*, é que, além de ser mediador/a e problematizador/a nessa relação dialógica de compartilhamento de conhecimento, há a indicação da necessidade de reflexão da sua própria prática. Nesse sentido, Freire e equipe sugerem que os/as animadores/as culturais tivessem um caderno de notas, no qual registrassem todos os fatos que chamassem a atenção no convívio com o povo e nas reuniões dos Círculos de Cultura com os/as alfabetizandos/as. Esses registros tinham o objetivo de “[...] ajudar enormemente o animador cultural a melhorar a sua prática e será de grande valor para os seminários de avaliação que teremos de realizar juntos” (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 1978b, p. 15).

O Caderno de Notas do/a animador/a cultural teria registros de todas as ocorrências observadas, tanto em contato com a comunidade local, quanto com os/as alfabetizandos/as, de modo a enriquecer as discussões nos Círculos de Cultura. Nesse processo de escrita crítico-reflexiva, os/as educadores/as seriam vigilantes e cuidadosos/as para não imprimir anotações de caráter pessoal e de juízo de valor frente às questões em relação à cultura do povo da comunidade e nas relações dialógicas dos Círculos de Cultura. Neste sentido, Freire (1989) recomendava que os registros do caderno de notas mantivessem o respeito aos saberes culturais e sociais dos/as alfabetizandos/as e da comunidade de que faziam parte. Nesse contexto, observamos também uma visão avançada do papel do/a educador/a enquanto pesquisador/a, ou seja, é o/a animador/a refletindo, através dos seus registros sobre a própria prática, sem perder de vista o respeito aos saberes dos/as educandos/as. Nessa abordagem, desenvolve-se uma atitude de pesquisador/a da própria prática mediante observação e reflexão da sua ação (FREIRE; FAUNDEZ, 1998).

O primeiro *Caderno de Alfabetização*, o livro complementar *Exercícios* e os estudos das *Cartas aos Animadores/as Culturais* elaborados por Freire e equipe, apresentados neste estudo, exemplificam a importância das propostas ali desenvolvidas, diante do processo transformador e libertador proporcionado pela aprendizagem da leitura e escrita compreendido como ato político, ato de conhecimento, ato produtivo e de ação cultural, cujos princípios foram sempre mantidos e aperfeiçoados durante a trajetória de Paulo Freire, que esteve sempre à frente de seu tempo.

Considerações finais

O estudo analítico deste material, buscando referências nos pressupostos de alfabetização e pós-alfabetização defendidos por Paulo Freire, possibilitou compreender a validade e a riqueza da sistemática dessas produções elaboradas por Freire e equipe após o período colonial em São Tomé e Príncipe.

Os materiais descritos e analisados neste estudo apresentam uma riqueza expressiva e sistemática da prática de ensino do processo de aprendizagem da leitura e escrita. Para além da técnica, descrevem uma proposta político-pedagógica revolucionária com a proposição desta apreensão de conhecimento da leitura e escrita como ato político, social, cultural, produtivo e como instrumento de transformação na vida dos/as educandos/as.

Os Cadernos e as Cartas aqui analisados foram materiais elaborados com estrutura simples, porém, como ele mesmo afirmava, jamais simplistas, pois apresentava uma riqueza de linguagem, trazendo uma abordagem político-pedagógica transformadora e revolucionária, assegurando autoria, voz e vez, às pessoas privadas e excluídas, historicamente, de acesso ao conhecimento. No seu conjunto, os materiais explicitam uma sistemática de trabalho de alfabetização e pós-alfabetização com a proposição de orientações político-pedagógicas, bem como uma coletânea de atividades de práticas de aquisição da leitura e escrita que, além do processo técnico de alfabetização, prima, principalmente, pela apreensão da leitura e escrita como ação cultural de intervenção da realidade.

Além de toda a riqueza político-pedagógica, observamos uma visão ampliada do papel do/a animador/a cultural, que interage com os/as alfabetizandos/as e sua comunidade, problematizando a realidade, assegurando tempos e espaços aos/às educandos/as, com escuta respeitosa da sua palavra. O/A animador/a cultural e os/as alfabetizandos/as ocupam papel de protagonistas nesse processo de aprendizagem, transformando e conhecendo, com outro olhar, a realidade em que vivem e sendo transformadas por ela.

Referências

- FAUNDEZ, A. **Oralidade e escrita**: experiências educacionais na África e na América Latina. Tradução de Maria da Graça Abreu *et. al.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, P. O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. *In*: FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. p. 36-87.
- MEMORIAL PAULO FREIRE. Instituto Paulo Freire (SP) em parceria com a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufape), 2021. Disponível em: <http://www.memorial.paulofreire.org/>. Acesso em: 23 out. 2021.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Ministério da Educação Nacional e Desporto. **Primeiro Caderno da Cultura Popular**. São Tomé: Mend, 1978a.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Ministério da Educação Nacional e Desporto. **Caderno praticar para aprender**. Caderno da Cultura Popular. São Tomé: Mend, 1976.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. Ministério da Educação Nacional e Desporto. **Cartas aos animadores e animadoras culturais**. São Tomé: Mend, 1978b.

Biografia Resumida

José Jackson Reis dos Santos: Doutor em Educação e professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ensino/Uesb. Coordenador do Grupo Colabor(Ação): Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5204751662721268>

Contato: jackson.santos@uesb.edu.br

Sonia Maria Portella Kruppa: Doutora em Educação e docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação. Coordenadora do Núcleo de Avaliação Institucional/NAIFEUSP.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1806242297161092>

Contato: skruppa@usp.br

Rosângela Alves de Oliveira Santos: Doutoranda em Ensino pela Rede Nordeste de Ensino (Renoen), Polo Vitória da Conquista, Bahia, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn/Uesb). Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Participante do Grupo Colabor(Ação): Estudos e Pesquisas em Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2773518585530407>

Contato: rosangela.alves@uesb.edu.br